

“Tal como as lixeiras atrem ratos, barcos afundados atraem organismos marinhos oportunistas...”

A revelação do provável afundamento do ‘Schults Xavier’ ao largo de Santa Maria foi dada com pompa e circunstância, pelo Secretário do Mar, Ciência e Tecnologia ao revelar que o Governo dos Açores “vai utilizar um antigo navio da Marinha Portuguesa para criar um recife artificial e um local privilegiado para a proliferação e observação da vida marinha...”

Frederico Cardigos:
“Continuo a pensar que enviar lixo para baixo de água, com o argumento de que irá atrair turistas, é uma má ideia. Por muitos turistas que traga e por muito dinheiro que gere, continuam a ser lixeiras subaquáticas. Longe de ser economia azul. Tal como as lixeiras atraem ratos e gaivotas, os barcos afundados atraem organismos marinhos oportunistas”

aumento da consequência das áreas marinhas protegidas, recorrendo ao auxílio de organizações nacionais e internacionais; a promoção do turismo aquático, em particular os desportos de água salgada, a observação dos animais marinhos e a valorização dos locais de naufrágios (falta o “Revenge”); e o continuado apoio à investigação científica climática, biológica e geológica, com ênfase para o estudo alargado do mar profundo e montes submarinos. Estas são tarefas “fabulosas” no entender de Frederico Cardigos.

No entanto, releva o ex-Director Regional dos Assuntos do Mar, o projecto apresentado pelo Governo dos Açores, “relacionado com o afundamento de um navio nos Açores é, quanto a mim, um erro”.

Frederico Cardigos mostra coerência com uma opinião que publicou em 2012. “Continuo a pensar que enviar lixo para baixo de água, com o argumento de que irá atrair turistas, é uma má ideia”, afirmou.

Em seu entender, “por muitos turistas que traga e por muito dinheiro que gere, continuam a ser lixeiras subaquáticas. Longe de ser economia azul. Tal como as lixeiras atraem ratos e gaivotas, os barcos



Em 2012 pretendia-se afundar uma draga ao lado do ‘Dori’, que naufragou em frente à praia do Pópulo, a Sul de São Miguel

afundados atraem organismos marinhos oportunistas. Não é a realidade, a harmonia, o equilíbrio e a beleza do fundo do mar; é, na melhor das hipóteses, um parque de diversões decadente”, sublinhou Frederico Cardigos.

A draga que não foi afundada ao lado do ‘Dori’ am frente à praia do Pópulo

No artigo, de 212, publicado no seu blog, Frederico Cardigos refere que a coincidência de se estar a proceder a um conjunto de afundamentos de barcos ao largo de Portimão e de haver uma velha draga disponível para tal na Ilha de São Miguel “tem movido alguns desejos de mergulhadores no sentido de fazer um depósito ao largo de Ponta Delgada. Em maior detalhe, a ideia, tal como tem sido partilhada nas redes sociais, é proceder ao afundamento da draga perto do “Dori” [*], aproveitando assim o espaço do Parque Arqueológico que o Governo Regional acabou de criar em frente à Praia do Pópulo”.

“Tenho que confessar”, sublinhou Frederico Cardigos, que “não sou grande adepto destes afundamentos. Apesar de apaixonado pelos naufrágios e mergulho em embarcações naufragadas, não sinto grande estímulo para mergulhar em barcos que tenham sido propositadamente afundados. No Faial temos dois casos de navios propositadamente afundados e que pouco tentam os muito mergulhadores que visitam esta ilha: O pescador “Viana”, que se incendiou e revirou no Porto da Horta, foi afundado ao largo da Feteira. Por um lamentável erro de procedimento, ficou vi-

rado ao contrário e está demasiado fundo para os mergulhos habituais (assenta aos 46 metros e a quilha está aos 30). Já o “Pontão 16” está num fundo de areia, mas, dizem os críticos, é demasiado pequeno”.

“A minha teoria para o insucesso destes casos”, prosseguiu, “é um pouco diferente; Na minha opinião, os mergulhadores procuram naufrágios legítimos, como é o caso do alegado ‘Hydroavião’ ao largo do Porto da Horta ou o navio sem nome que está na Baía dos Radares (Monte da Guia). Um naufrágio tem de ter uma história, como é o caso do ‘Lidador’, ou ser um importante local histórico, como acontece com o Cemitério das Âncoras, ambos na Baía de Angra e onde integram o Parque Arqueológico local”.

“Nos Açores há inúmeros naufrágios legítimos”

Como escreveu o ex-Director Regional dos Assuntos do Mar, “um dos argumentos mais fortes a favor do afundamento de antigos navios é o seu papel como suporte de vida. Entendo isso e já verifiquei como podem realmente proporcionar locais de agregação de animais. Mas... as lixeiras também têm inúmeros ratos e gaivotas... Talvez a minha linguagem esteja a ser demasiado forte, mas é um facto que um navio afundado está a promover o aparecimento de fauna e flora que não pertence naturalmente àquela paisagem. Que são animais bonitos, são! Mas é desconexo”.

“Um bom amigo disse-me que o mar costeiro de São Miguel está tão explorado que não será um navio afundado a fazer grande diferença. Talvez, mas, respondo

eu, não devemos nivelar por baixo, mas exigir essa recuperação, se justificável. Aliás, contrariando esta visão, muito portuguesa ‘que está tudo uma desgraça...’, lembro que um prestigiado sítio internet de viagens anunciava os Açores como um dos melhores sítios do mundo para a prática de mergulho com escafandro autónomo. Não há volta a dar, os Açores são um excelente local e com um mar sublime. Pode ser melhor? Podemos sempre melhorar”, escreveu.

Outro dos argumentos utilizados para o afundamento de navios, “e que me agrada”, afirma, é o potencial para cativar mergulhadores. De facto, por agregarem muitos animais, os barcos afundados servem de local privilegiado para mergulho com escafandro autónomo.

Ainda, um dos argumentos a favor, são os trabalhos científicos que se podem fazer em associação com os barcos afundados. “Por serem novos substratos, apesar de artificiais, podem servir para estudar a sucessão ecológica em cada local. Principalmente se tiver boa ciência por trás, estes locais podem ser reais mais-valias”.

“Nos Açores há inúmeros naufrágios legítimos e magníficos locais de mergulho. Entre os que ainda não têm carácter de protecção legal, destacam-se o ‘Slavonia’, nas Flores, e o ‘Caroline’, no Pico. Estes locais muito lucrarão com a implementação de efectivas áreas marinhas protegidas e dos respectivos parques arqueológicos”, escreveu Frederico Cardigos em 2012, posição que mantém hoje e que não tem receio em exprimir, apesar de ser o ‘ponta de lança’ do Governo açoriano no Gabinete dos Açores em Bruxelas.